



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6643 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NA COLEÇÃO BURITI
MAIS HISTÓRIA DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Adlene Silva Arantes - UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO

Camila Cristina de França Ferreira - UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO

Agência e/ou Instituição Financiadora: PIBIC/CNPq

história e cultura afro-brasileira e africana na coleção buriti mais história do 1º ano do ensino fundamental

1 INTRODUÇÃO

A recorrência de representações de grupos sociais historicamente excluídos da educação brasileira nos livros de história fomentou questionamentos não apenas sobre as interpretações dessas populações ao longo da história ensinada, mas também sobre os métodos para a proposição de estudos que possibilitem uma leitura crítica do acervo produzido para fins didáticos, como apontam autores como BITTENCOURT, 2004 e PONCIANO, 2011.

Neste contexto, O ensino de história na educação básica tem grande importância para a promoção de uma educação mais democrática, que represente todos os sujeitos historicamente excluídos, como é o caso dos negros. Para compreender o lugar do ensino de história nesse processo de inclusão de conteúdos que valorizem sujeitos como o negro, tomamos como objeto de pesquisa o livro didático para o ensino de história utilizado nos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola Municipal na cidade de Nazaré da Mata-PE, buscando compreender como são apresentados os conteúdos da história e cultura afro-brasileira e africana nos livros didáticos de história dos anos iniciais.

Percebemos na organização dos conteúdos o ensino da história para além do

conhecimento dos acontecimentos antepassados e dos feitos do homem, e o livro didático como produto cultural que nos leva a “reflexão sobre o ensino das disciplinas escolares pelo papel que elas têm desempenhado no processo pedagógico [...] O livro escolar é um importante veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura” (BITTENCOURT, 2004, p. 70;72) Esta reflexão nos remete ao papel crucial que o livro didático assume perante as aulas como plano curricular, uma vez que o livro deve retratar uma desconstrução de modelos de papéis sociais sem a descontextualização dos conteúdos. Daí a importância da lei 10639/2003 que instituiu a obrigatoriedade do ensino de História da África e dos africanos no currículo escolar da Educação Brasileira, resgatando historicamente, a contribuição dos negros na construção e formação da sociedade brasileira para a existência de livros didáticos que abordem tais conteúdos.

Portanto, o livro didático atua como norteador nas práticas educativas e, para alguns docentes é o único suporte para auxiliar seu trabalho em sala de aula. O livro didático apresenta-se como ferramenta uma vez que veicula ideias e transfere conhecimentos dos mais diversos tipos: culturais, religiosos, científicos e sociais (SILVA, et all, 2018, p. 2)

Compreende-se que as escolas têm autonomia para trabalhar a história e cultura afro-brasileira e africana, buscando formas que favoreçam o desenvolvimento de atividades relacionadas ao tema. Porém, a configuração dos elementos da história e cultura africana e afro brasileira, e como elas se apresentam nos livros didáticos mesmo com a aprovação da Lei 10639/2003, é o que nos fez questionar se de fato a imagem do negro está sendo retratada de forma positiva, ou transmitida a partir de ideais baseados em uma visão etnocêntrica e estereotipada.

A instituição escolar tem papel fundamental na desconstrução de concepções equivocadas que se criou a respeito do negro e da sua história, e precisa ser firme no combate contra o racismo, incentivando a valorização desses povos em seus aspectos físicos e culturais, conforme afirma as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro brasileira e Africana:

(...) é papel da escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos e minorias. Assim, a educação é essencial no processo de formação de qualquer sociedade e abre caminhos para a ampliação da cidadania de um povo (BRASIL, 2004, p.7)

Faz-se necessário uma reflexão acerca de que tipo de conhecimento deve ser inserido nos livros didáticos, sabendo que este tipo de suporte “apresenta o passado histórico e a cultura do povo negro sob forma reduzida e conivente, quando não se consegue invisibilizá-los completamente” (SILVA 2010, p. 54). Assim, o livro didático precisa ser compreendido como um produto que sofre interferências econômicas, políticas e culturais, sendo indispensável cautela na escolha dos mesmos preservando a autonomia do professor, de modo que sejam possibilitadas discussões que interliguem conteúdos históricos e fatos atuais.

2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS

A coleção de livros que tomamos como material de pesquisa, utilizada na Escola Municipal Irmã Guerra, foi a coleção *Buriti Mais História* do 1º ao 3º ano do ensino fundamental, de autoria de Lucimara Regina de Souza Vasconcelos, 1ª edição 2017, editora Moderna. A coleção integra o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) se propõe a apresentar os objetivos de conhecimento e as habilidades explicitadas na Base Nacional Curricular (3ª versão) e relacioná-los aos conteúdos e às práticas didático-pedagógicas a serem trabalhadas ao longo de cada livro.

A coleção de história, proposta pela editora, foi elaborada, respeitando o pressuposto contido na Base Nacional Curricular Comum (BNCC) de que:

o “fazer história” parte da constituição de um sujeito, amplia-se para a noção de Outro para finalmente alargar-se na direção de “outros povos, com seus costumes específicos”, abordando, portanto, o Eu, o Outro, e o Nós, em seus tempos e espaços específicos. (BRASIL, 2018. p. 347)

No primeiro momento foi realizada a organização e seleção dos elementos a serem analisados. Em seguida, os conteúdos dos livros foram mapeados/organizados de acordo com os objetivos da pesquisa.

Os livros estão organizados em quatro unidades, cada unidade contém quatro capítulos. No livro do 1º ano: A unidade 1 intitulada “Quem sou eu” apresentam no capítulo 1: Eu sou assim (p.10-13), capítulo 2: A história de cada um (p.14-19), capítulo 3: A cada dia uma nova história (p.20-25) e no capítulo 4: Todo mundo tem uma história (p.26-33); Unidade 2 – “A vida familiar”, capítulo 1: Minha família (p.36 -39); capítulo 2: Muitos tipos de família (p.40-45), capítulo 3: Toda família tem uma história (p.46-51), capítulo 4: A convivência em família (p.52-59); Unidade 3 – “A escola”, capítulo 1: Um lugar de aprender (p.62-65), capítulo 2: Que convive na escola? (p.66-71), capítulo 3: A escola no passado (p.72-77), capítulo 4: Da casa à escola (p.78-85); Unidade 4 – “Brincadeiras e Festas, capítulo 1: Brincar juntos (p.88-91), capítulo 2: Brinquedos e Brincadeiras do passado (p.92-97), capítulo 3: Brinquedos do Brasil (p.98-103), capítulo 4: Comemorações (p.104-111).

No livro didático do 2º ano: A unidade 1 intitulada “A passagem do tempo” apresentam no capítulo 1: O tempo dos relógios (p.10-15), capítulo 2: Noções de tempo (p.16-21), capítulo 3: Como percebemos o tempo passar (p.22-27) e no capítulo 4: Presente, Passado e Futuro (p.28-37); Unidade 2 – “A vida em comunidade”, capítulo 1: Harmonia na convivência (p.40-45); capítulo 2: Viver em grupo (p.46-51), capítulo 3: A rua tem história (p.52-57), capítulo 4: Passado e Presente de um bairro (p.58-67); Unidade 3 – “Marcas da história”, capítulo 1: Memória e história (p.70-75), capítulo 2: Documentos e registros pessoais (p.76-81), capítulo 3: Memórias e tradições (p.82-87), capítulo 4: Memória escolar (p.88-97); Unidade 4 – “Trabalho”, capítulo 1: O que é trabalho (p.100-105), capítulo 2: Profissionais da comunidade (p.106-111), capítulo 3: Profissões do passado (p.112-117), capítulo 4: O trabalho e meio ambiente (p.118-127).

E no livro didático do 3º ano: A unidade 1 intitulada “O espaço de todos nós” apresenta no capítulo 1: O espaço público (p.10-15), capítulo 2: Uma questão de espaço (p.16-21), capítulo 3: O lazer de todos (p.22-27) e no capítulo 4: Espaços e memória (p.28-

39); Unidade 2 – “A formação das cidades”, capítulo 1: Os primeiros grupos (p.42-47); capítulo 2: Das vilas às cidades (p.48-53), capítulo 3: A ocupação do espaço por meio do comércio (p.54-59), capítulo 4: A preservação das primeiras formações urbanas (p.60-71); Unidade 3 – “A vida no campo e as migrações”, capítulo 1: As grandes plantações: a cana-de-açúcar (p.74-79), capítulo 2: Pecuária e ocupação do interior (p.80-85), capítulo 3: A cafeicultura e a formação da população (p.86-91), capítulo 4: Do campo para a cidade: as fábricas e os operários (p.92-103); Unidade 4 – “Vida na cidade: a urbanização”, capítulo 1: Diferentes lugares: os municípios (p.106-111), capítulo 2: Cidade, trabalho e indústria (p.112-117), capítulo 3: O crescimento das cidades (p.118-123), capítulo 4: O modo de vida nas cidades (p.124-135).

O primeiro livro analisado foi o do 1º ano. A primeira Unidade com o título “Quem sou eu?”, traz uma ilustração de duas páginas de crianças brincando num parque, porém, nenhuma delas é negra. Por que logo na primeira unidade nota-se a ausência de personagens negros? Essa ilustração não reflete a realidade com a qual a maioria das crianças em escolas públicas do Brasil se depara.

De acordo com a BNCC no que se refere à igualdade e equidade, “a equidade reconhece e aprecia os padrões de sociabilidade das várias culturas que são parte da identidade brasileira” (BRASIL, 2018, p.11).

Levando-se em consideração que dentre os objetivos da unidade estejam valorizar a diversidade étnica cultural e de necessidades especiais nos espaços de socialização dos quais o aluno participa, a questão étnica não foi devidamente contemplada. Silva e Bezerra (2011, p. 6) assinalam que é dever da escola proporcionar aos discentes, atividades que trabalhem com a diversidade, seja nos aspectos culturais, físicos e sociais entre os sujeitos, além de desenvolver concepções que estão atreladas ao multiculturalismo.

Ainda na referida unidade, no primeiro capítulo do livro com o título “Eu sou assim” trás a ilustração de uma escola onde os alunos estão reunidos no pátio da escola e se apresentando. Nesta ilustração aparecem entre as crianças dois alunos e uma professora negra. Como este capítulo ainda postula como objetivos valorizar a diversidade étnica e cultural, descrever aspectos da história pessoal a partir da definição do nome e reconhecer a si mesmo e ao outro desenvolvendo a empatia, e auto-estima e a solidariedade, as questões relacionadas com a história de cada um e a construção da identidade, podemos observar que são apresentadas atividades referentes a diversidade entre as pessoas, ressaltando a existência de pessoas que possuem a pele clara, escura, com características faciais e corporais diferenciadas, objetivando a construção da identidade da criança.

O conceito de identidade agrupa uma série de noções, como a de permanência, de manutenção de referências que não mudam com o tempo, por exemplo, seu nome, suas relações de parentesco, sua nacionalidade. Apesar de saber que mudei com o passar do tempo, sei que sou o mesmo que era ontem, ou seja, tenho dentro de mim um autorreconhecimento a partir de aspectos fundamentais de minha história de vida (AMARAL, 2007, p. 4).

Assim, neste contexto, para cumprir o papel proposto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, os livros didáticos para diferentes níveis e modalidades devem abordar a pluralidade cultural e a diversidade étnico-racial da nação brasileira.

No capítulo 2, intitulado “A História de cada um” propõe uma reflexão sobre a construção da história de cada sujeito, e sobre a existência de particularidades na história de cada indivíduo. O capítulo apresenta figuras de crianças, brancas e uma negra e tem como proposta abordar questões de crescimento e sensibilidade. Para tanto propõe que o professor passe para seus alunos um vídeo intitulado “por uma infância sem racismo”, campanha da UNICEF que aborda os impactos do racismo na sociedade brasileira. Neste enfoque, a questão relacionada ao negro é trabalhada a partir dos fatores referentes às diferenças de cor da pele, em uma linguagem simples e de fácil acesso, demonstrando que questões relacionadas a diversidade étnico- racial podem ser enfatizadas desde o início da Educação Básica.

Destarte acredita-se que à medida que a temática for desenvolvida na escola, contribuirá para a formação de alunos reflexivos que respeitem as diferenças étnico-raciais e culturais dos outros.

Ainda no referido capítulo são abordadas questões referentes aos direitos de cada cidadão, como o direito ao nome, que é componente de nossa identidade, enfatizando que esses direitos valem para todas as crianças, sem distinção de origem, etnia, religião ou condição econômica, garantidos pela Declaração Universal dos Direitos das Crianças.

O capítulo 3, cujo título é “A cada dia uma nova história”, tem como objetivos identificar mudanças e permanências nos aspectos físicos e de personalidade próprios e dos demais ao longo do tempo. Neste capítulo não há menção ao trabalho de valorização de identidade étnica, e o único personagem negro aparece na página 22 em um contexto tradicional, juntamente com outros personagens brancos em um antiquário onde aparecem objetos de várias épocas, objetivando estabelecer relações entre sujeitos e entre sujeitos e objetos, e seus significados em diferentes contextos sociedades e épocas, sem menção ou figura que represente qualquer aspecto cultural afro-brasileiro e africano, apenas objetos tipicamente europeus.

No capítulo 4, intitulado “Todo mundo tem uma história”, os objetivos incluem identificar as lembranças como parte de sua história de vida, desenvolver a noção básica de registros históricos e reconhecer a importância das relações de convivência para a sua história de vida e para o desenvolvimento afetivo e cognitivo. O capítulo traz ainda uma reflexão sobre “Quem faz parte da sua história?”, porém, apesar de ter ilustrações com personagens negros, não se aborda a história num âmbito étnico e cultural, e sim aliada à reflexão sobre noções de identidade, memória e registros.

A Unidade 2 tem como tema “A vida familiar” e objetiva reconhecer a existência de diferentes formas de organização familiar. Nos capítulos 1 “Minha família”, capítulo 2 “Muitos tipos de Família” , capítulo 3 “Toda família tem uma história”, e capítulo 4 “Convivência em Família aparecem figuras de famílias com personagens negros, visando que os alunos possam perceber que o processo de formação familiar independe de questões étnicas e que também possam se identificar ao perceber nos livros composições familiares próximas das quais eles pertencem. Porém essa abordagem é feita de forma indireta, apenas pelo uso das imagens, sem narrativa que corrobore essa intenção.

A Unidade 3 tem como tema “A Escola” e tem entre seus objetivos compreender o papel social da escola, comparando os diversos tipos – urbana, rural, indígena, quilombola e inclusiva, assim como comparar características da escola atual com a escola de antigamente. Assim, nos capítulos 1 “Um lugar de aprender”, capítulo 2 “Quem convive na escola”, capítulo 3 “A escola no passado”, e capítulo 4 “Da casa a Escola”, contemplam figuras de personagens negros. No capítulo 1 aparece a primeira referência escrita a cultura africana e afro brasileira, quando trata da escola quilombola, onde menciona que além das matérias

comuns, nas escolas quilombolas há aulas para valorizar a identidade e a cultura afro-brasileiras.

A Unidade 4 tem como tema “Brincadeiras e festas” e tem entre seus objetivos valorizar a ludicidade como meio de identidade e de interação, e valorizar a pluralidade cultural brasileira por meio do estudo dos jogos e brincadeiras populares. Porém apesar de em seus capítulos 1 “Brincar Juntos”, capítulo 2 “Brinquedos e Brincadeiras do Passado”, capítulo 3 “Brinquedos do Brasil”, e capítulo 4 “Comemorações”, aparecerem figuras de personagens negros não foi realizada nenhuma menção a brincadeiras, brinquedos ou comemorações que envolvam a cultura africana e afro-brasileira.

Retomando a análise das brincadeiras da tradição, pode-se dizer que elas incluem a produção cultural de um povo, em certo período histórico, uma cultura não oficial, fluida, caracterizada pela oralidade e sempre em transformação incorporando criações anônimas das gerações que se sucedem. [...] Tais brincadeiras evidenciam o pertencimento de crianças e jovens a um grupo social que convive e partilha os mesmos signos culturais, socializando-se, indicando seu lugar na sociedade e criando identidades. (KISHIMOTO, 2014, p.84-85)

Surgem assim questionamentos acerca da falta de representatividade de elementos tão importantes da história e da cultura africana e afro-brasileira no livro analisado, uma vez que o ensino da história africana e afro-brasileira foi garantido por leis como a de número 10.639/03, que versa sobre a importância da cultura negra no processo de formação da sociedade. Percebem-se falhas de abordagem do tema no livro analisado, pois quando as mesmas ocorreram foi de maneira indireta, por meio de desenhos que buscavam expressar em sua maioria apenas diversidade étnica.

Percebe-se que no livro do 1º ano não houve a preocupação em apresentar elementos que colocassem em foco a história e cultura afro-brasileira e África, nem que permitissem a valorização do negro. O livro chega a abordar a escola quilombola, porém, não faz uma problematização dessas questões e nem esclarece definições para a faixa etária das crianças.

Para PONCIANO (2011, p. 82) a leitura de imagens pode produzir ideias, formação de conceitos, possibilitando uma comunicação não-verbal, mas de forma significativa para a aprendizagem dos alunos. Nesta perspectiva, a obra trabalhou com muitas imagens, ilustrando o negro como participante da sociedade, que realiza atividades corriqueiras no seu cotidiano, porém a abordagem utilizada visou mostrar a diversidade étnica, mas não envolveu dar visibilidade nem valorização a história e cultura afro-brasileira e africana.

O que pode-se observar a partir das análises realizadas é que os livros didáticos ainda não trazem discussões realmente significativas e reflexivas sobre as questões étnico-raciais, e estão, digamos, “preparados”, e adequados para somente atender o que diz a proposta da Lei 10.609/03, ou seja, cumprir o que está instituído em lei.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Vera Lúcia do. **A formação da identidade: alteridade e estigma**. Natal: EDUFRN, 2007.

BITTENCOURT, C. Autores e Editores de Compêndios de livros de leitura (1810-1910). In:

Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30 set./dez. 2004

_____. **O saber histórico na sala de aula**. 9ª Ed. São Paulo. Contexto, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Fundamental Anos Iniciais**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2004

KISHIMOTO, T. M. **Jogos, brinquedos e brincadeiras do Brasil**. Espaços em Branco, Serie Indagações. V.24, 2014.

PONCIANO, D. D. **A História da Cultura Afro-brasileira no currículo de História da rede oficial do Estado de São Paulo**. Presidente Prudente. 2011.

SILVA, Ana Célia da. **Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático**. Salvador: EDUFBA, 2010.